

# 7 ERROS NA “FICHA” DA MINISTRA

É possível afirmar sem sombra de dúvida que a “ficha de Dilma Rousseff no Dops” publicada com destaque na capa da Folha de São Paulo no início de abril é provavelmente a fraude mais grosseira avalizada por um jornal de grande porte na história recente do Brasil. Apesar disso, a Folha se nega a reconhecer a farsa. Por André Borges Lopes

A edição de domingo 05/04/2009 do jornal Folha de São Paulo trouxe na capa e no miolo do uma reprodução da ficha abaixo ilustrando matéria com o título “Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto”. A legenda da ficha não deixava dúvidas sobre a origem do documento: *Ficha de Dilma Rousseff no Dops*.

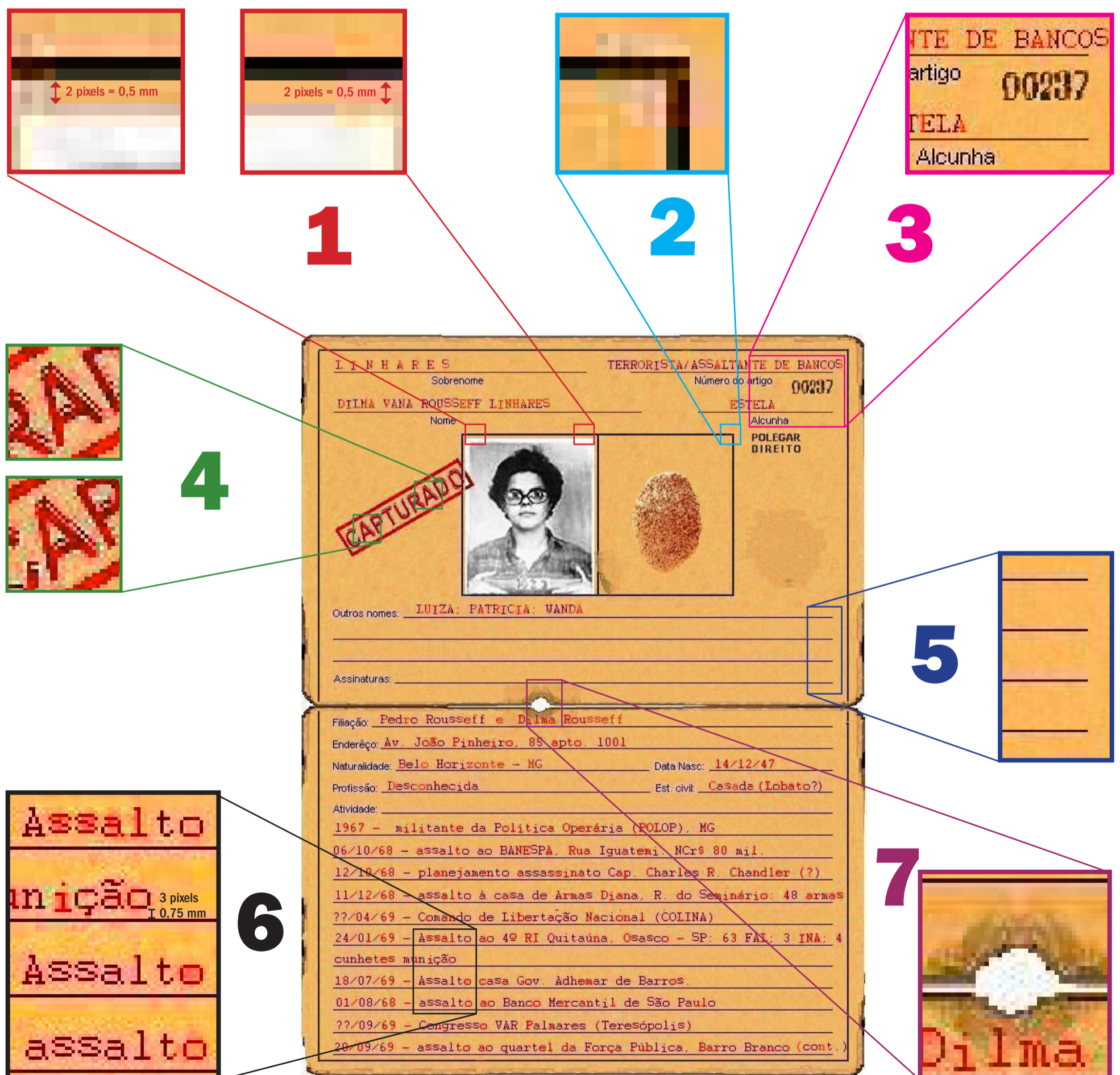
Diante dos protestos da ministra e das negativas por parte dos responsáveis pela guarda dos arquivos oficiais do Dops, a Folha fez uma “semi-retratação” em nova matéria – publicada no dia 25/04 – na qual alegava que havia cometido dois erros. O primeiro erro foi afirmar na Primeira Página que a origem da ficha era o “arquivo [do] Dops”. Na verdade, o jornal recebeu a imagem por e-mail. O segundo erro foi tratar como autêntica uma ficha cuja

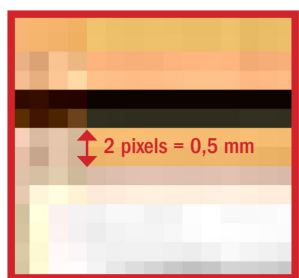
autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada - bem como não pode ser descartada. (...) Ao classificar a origem de cada documento, o jornal cometeu um erro técnico: incluiu a reprodução digital da ficha em papel amarelo em uma pasta de nome “Arquivo de SP”, quando era originária de e-mail enviado à repórter por uma fonte. (...) Pesquisadores acadêmicos, opositores da ditadura e ex-agentes de segurança, se dividem. Há quem identifique indícios de fraude e quem aponte sinais de autenticidade da ficha. Apenas parte dos acervos dos velhos Dops está nos arquivos públicos. Muitos documentos foram desviados por funcionários e hoje constituem arquivos privados. (os destaques em vermelho são meus).

A ficha enviada por e-mail à reporter circulava há alguns meses em conhecidos sites de grupos de

oposição ultra-direita, que fazem apologia da ditadura militar e feroz oposição ao governo Lula. Na sua versão mais difundida é uma imagem digital JPEG com 596 X 784 pixels, supostamente escaneada de um velho documento de papel.

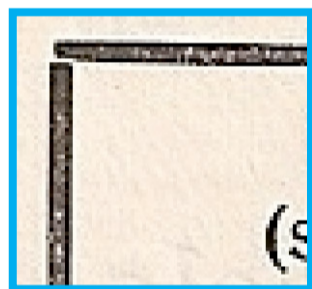
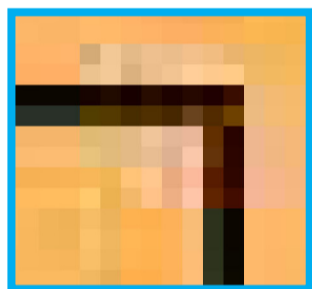
Mas – ao contrário do que insiste em afirmar a Folha de São Paulo – até mesmo uma análise superficial demonstra que se trata de uma fraude grosseira. Como veremos abaixo, um estudo um pouco mais aprofundado comprova cabalmente que a ficha foi inteiramente fabricada em software de edição de imagens em computador. Ou seja: não há, e nunca houve, qualquer possibilidade de que ela pudesse ser considerada autêntica. Veja o porquê na próxima página.





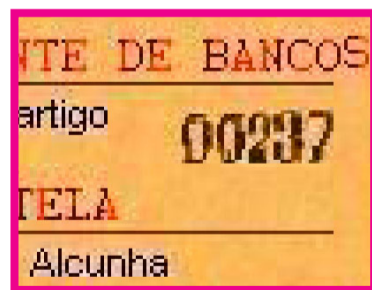
## 1 UM ALINHAMENTO IMPROVÁVEL

A primeira coisa que chama atenção na pretensa “ficha policial” da ministra Dilma é a perfeição do alinhamento das linhas pretas impressas no formulário e o da fotografia 3 X 4, colada dentro dos limites de um retângulo. Primeiro porque as linhas são extremamente nítidas, têm exatos 2 pixels de espessura em todo o contorno da foto e estão perfeitamente paralelas com as bordas da imagem escaneada (ou seja, a exatos 0° e 90° de inclinação) – o que é absolutamente improvável de ocorrer em um documento físico digitalizado por escaner. Segundo, porque a foto foi encaixada dentro do retângulo com precisão de robô japonês: as bordas da imagem mantêm uma distância uniforme de exatos 2 pixels (cerca de 0,5 mm) do fio de contorno na parte esquerda, direita e superior do quadro, aproximando-se apenas na parte inferior. O que é impossível de ter sido feito manualmente num tempo em que não havia sequer uma boa cola em bastão para facilitar o trabalho.



## 2 CANTOS MAIS QUE PERFEITOS

No período em que a ficha teria sido supostamente confeccionada (final da década de 1960 ou início dos anos 1970), esse tipo de impresso era normalmente produzido em impressoras tipográficas. Pela própria característica do sistema de construção manual de linhas em tipografia, dificilmente se encontra cantos perfeitamente regulares e contínuos – como são **todos os cantos** da ficha analisada. Mesmo que houvesse sido impressa com uso de um clichê tipográfico ou em offset (o que é bastante improvável) as técnicas de arte-finalização usadas na época dificilmente produziram um resultado tão perfeito. E nenhum escaner capturaria os cantos de forma tão regular, independente da resolução empregada. Apenas como comparação, na imagem da direita vemos como se apresenta uma captura feita por escaner das linhas e cantos um impresso similar produzido em tipografia.



## 3 CARACTERES INCONSISTENTES

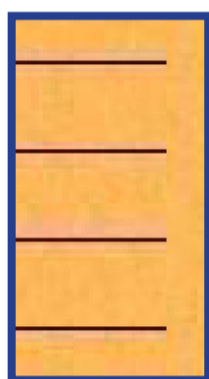
No canto superior direito da ficha aparece mais uma evidência do caráter fraudulento da imagem. Enquanto as letras impressas em corpo pequeno (nas palavras *artigo* e *Alcunha*) têm bordas perfeitamente delineadas e espessura uniforme de 1 pixel, algumas das letras datilografadas apresentam borrões e manchas, aplicados digitalmente para simular a aparência

irregular das máquinas de escrever manuais. Já o número 00237 (supostamente impresso por tipografia na ficha) tem aparência muito menos nítida, com bordas irregulares e difusas – num padrão muito mais coerente com o que se costuma obter no escaneamento de impressos físicos. Há uma possibilidade razoável de que esse número efetivamente esteja no papel de fundo, já que é o único elemento realista de todo o conjunto.



## 4 EVIDÊNCIA DO CARIMBO DIGITAL

Carimbos são feitos de borracha flexível e caracterizam-se por produzir uma impressão distorcida e irregular, sendo comum o surgimento de falhas e borrões em virtude do entintamento e aplicação por impacto manual. Não é o caso do carimbo acima, que consegue a proeza de gravar no papel duas letras A da palavra CAPTURADO que aparecem na imagem com **exatamente a mesma estrutura de pixels**, apenas com algumas alterações na tonalidade, provavelmente aplicadas digitalmente para disfarçar essa uniformidade.



## 5 ALINHAMENTO DE LINHA E PIXEL

Já é extremamente improvável que um impresso tipográfico dos anos 1960 possa ser formado por uma pauta de linhas tão regulares e perfeitamente alinhadas como as dessa suposta ficha do Dops. Mas é completamente impossível que, no momento da captura, as linhas da pauta se encaixem com **absoluta perfeição** sobre os sensores CCD do escaner, gerando esse padrão regular no qual as linhas ocupam exatamente um único pixel e o espaço entre elas tem sempre 22 pixels de espessura. Como comparação, na imagem da direita vemos um detalhe do resultado real da captura das pautas de um caderno em escaner.



## 6 OS ASSALTOS GÊMEOS DA FICHA

Nem mesmo os lendários Irmãos Metralha conseguiriam produzir três assaltos tão idênticos entre si como os que aparecem nesse detalhe da ficha. Um texto supostamente datilografado em máquina de escrever manual sobre papel cartão em nenhuma hipótese

apresentaria tamanha similaridade no desenho, na estrutura e no alinhamento das letras, que são absolutamente idênticos. Para completar, as três palavras apresentam exatamente a mesma distância das linhas da pauta: 3 pixels ou 0,75 mm. Qualquer pessoa que já tenha datilografado um texto sobre linhas pautadas sabe da impossibilidade de se obter esse resultado.



## 7 O DERRADEIRO FURO DA FARSA

Para encerrar, um detalhe sutil: o papel da suposta “ficha” tem formato pouco usual para uma ficha de arquivo, aparentando mais serem duas páginas de uma caderneta aberta. O pequeno furo irregular que surge no encontro das folhas (aparentemente fruto de desgaste do papel) permite eliminar a possibilidade de duas imagens ter sido escaneadas da frente e do verso da ficha, e reunidas digitalmente num só arquivo. Além disso, é curioso notar que o desgaste do papel não comprometeu o desenho das letras datilografadas na sua adjacência, que segue nítido e regular.

## CONCLUSÃO

Qualquer umas das sete evidências apontadas acima bastaria para – isoladamente – caracterizar essa suposta ficha como **grosseiramente fraudulenta**. Não há **nenhuma possibilidade** de que essa imagem possa ter sido obtida a partir da digitalização – por qualquer meio – de uma ficha física em papel. Na realidade, só há uma maneira de produzir uma imagem com essas características: **construindo-a em um programa de edição de imagens bitmap** (como o Adobe Photoshop, Corel Photo Paint ou similares) com deliberada intenção de simular um documento antigo. Uma busca rápida na internet traz dúzias de sites de “clip-art” que oferecem imagens de papéis envelhecidos similares à da ficha analisada. Há também algumas dezenas de fontes tipográficas digitais que simulam as letras de máquinas de escrever.

Na realidade, a ficha analisada surpreende pela **absoluta precariedade da falsificação**. Trata-se evidentemente de uma manipulação grosseira para circulação nas comunidades menos exigentes e criteriosas da internet, a fazer companhia aos textos apócrifos de Jorge Luis Borges e Gabriel Garcia Marques. Apenas como exemplo, uma ficha falsa que fosse produzida em papel e depois escaneada exigiria análise muito mais sofisticada e difícil de ser feita para ser desmascarada.

Absolutamente surpreendente, no entanto, é o fato de um jornal do porte e da importância da Folha de São Paulo não apenas se prestar à **legitimação de uma fraude grosseira**, como seguir insistindo na **tese insustentável** de que a autenticidade dessa imagem não pode ser descartada. Qualquer estagiário do setor de arte do jornal derubava essa canhestra desculpa da redação.

*André Borges Lopes é bacharel em História pela USP, consultor especializado em tecnologia de artes gráficas na Bytes & Types e professor das disciplinas Captura Digital, Tratamento de Imagem e Gerenciamento da Cor do curso superior de Fotografia do Centro Universitário Senac.*